

# **FILHOS DE JORGE: MEMÓRIAS DA TENDA DE UMBANDA PAI SÃO JORGE GUERREIRO DE MÃE NICINHA EM BARREIRAS/BA (1962-1993)<sup>1</sup>**

Willian Diemes dos Santos Silva<sup>2</sup>

## **Resumo**

O presente artigo é um fragmento de uma pesquisa de conclusão de curso que teve como objetivo central estudar a história da Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro que tinha como sacerdotisa Eunice Campo Barros, conhecida popularmente como Mãe Nicinha. A Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro foi uma instituição religiosa que teve atuação entre os anos 60 e 90 no município de Barreiras-BA. Devido a seu prestígio e atuação, contribuiu de forma significativa para a história das religiões de matrizes africanas do município. Durante a realização da pesquisa, o terreiro de mãe Nicinha se mostrou uma tenda de Umbanda com intensa atividade religiosa, onde um vasto calendário de celebrações era estruturado. Cooperou efetivamente para a estruturação de uma série de atividades culturais como a festa do Divino, bloco afro-caboclo Odoya e a tradicional festa de Yemanjá e Oxum que acontece anualmente no dia 02 de fevereiro no cais da cidade. Com isso, o presente artigo propõe apresentar para presente geração e as futuras que apesar de ser uma cidade com grande número de cristãos, o município de Barreiras também possui uma grande parcela de adeptos de Umbanda e Candomblé que tem a suas histórias silenciadas nos escritos “oficiais”.

**Palavras-chaves:** Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro. Mãe Nicinha. Umbanda.

## **Introdução**

Diversos aspectos da cultura africana foram inseridos no contexto sociocultural do Brasil, desde a chegada de indivíduos escravizados, das mais variadas regiões do continente africano. Traziam consigo sua fé, seus aprendizados e de uma forma geral sua tradição. Nesse sentido, a cultura afro-brasileira é composta por numerosos aspectos herdados dos povos africanos que foram ressignificados em solo brasileiro. Essa influência pode ser notada na culinária, nas danças, nos ritmos, nas crenças, dentre outras.

---

<sup>1</sup> Este artigo é um fragmento adaptado da minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulada “Filhos De Jorge: Memórias da Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro de Mãe Nicinha em Barreiras-Ba. (1962 - 1993)”, que teve a orientação do Prof. Dr. José Francisco dos Santos, defendida na UFOB em outubro de 2020.

<sup>2</sup> Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB/Barreiras). E-mail: [williandiemes@hotmail.com](mailto:williandiemes@hotmail.com).

No que tange a crença, podemos acentuar o desenvolvimento de práticas religiosas que ficaram conhecidas como Candomblé, nomenclatura presente em documentos desde o século XVIII, principalmente na Bahia, que influenciou outras como a Umbanda, que surgiu no século XX, no Rio de Janeiro.

A umbanda surge no Rio de Janeiro no ano de 1908 em um contexto de tensão quando o jovem de 17 anos de idade, Zélio, vai a um centro espírita<sup>3</sup> e lá recebe um espírito que dá o nome de “Caboclo das Sete Encruzilhadas”. Após ser renegada aquela manifestação no centro espírita o mesmo caboclo (manifestado mediunicamente) através de Zélio funda uma nova doutrina com elementos marcantes da cultura afro-brasileira. Nessa perspectiva, a umbanda já nasce tendo que enfrentar resistência, por ter em seu meio a manifestação de espíritos de índios, caboclos e ex-escravos.

É importante destacar que algumas práticas desse culto que ficou conhecido como Umbanda, já estavam presentes em algumas religiões populares no Brasil, como nos rituais da Macumba no Rio de Janeiro. A esse respeito Tina Gudrun Jensen assegura que

Além do Espiritismo Kardecista, a Umbanda tem um importante predecessor na Macumba. O termo Macumba se refere a várias misturas de afro-brasileiras com outras religiões que se originaram no sudeste brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro. Macumba é também um termo depreciativo para baixo espiritismo. Acredita-se que a Macumba se originou no Rio de Janeiro e suas imediações, onde a população dos ex-escravos eram em grande escala do Congo, da Angola e de Moçambique, e foram agrupados de acordo com as nações. (JENSEN, 2001, p. 5)

A Umbanda se popularizou e difundiu por várias partes do Brasil. Em cada região do território nacional passou por processos de trocas culturais e se fortaleceu enquanto movimento religioso. É nesse contexto que a personagem primordial do presente trabalho, Eunice Campos Barros, mais conhecida como Mãe Nicinha, filha do casal Epédia Souza Campos e Boaventura Carneiro Campos, nascida na cidade de “Cachoeira/ São Félix” no dia 27 de setembro de 1933, teve já em sua terra natal, contato com o Candomblé, onde foi inicia

---

<sup>3</sup> O espiritismo é uma doutrina que surgiu na França em meados do século XIX. Essa doutrina encontrou solo fértil no Brasil e por volta do ano de 1860 chegavam à Bahia as primeiras obras em francês sobre espiritismo. Após a chegada dessas obras alguns grupos começaram a se interessar pelo estudo dessa doutrina e houve uma disseminação em algumas partes do país de um modo especial nos grandes centros, dentre eles o Rio de Janeiro, berço da umbanda que foi fortemente influenciada por essa doutrina. Paulo César da Conceição Fernandes em sua dissertação “As origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850 – 1914)” faz uma reflexão detalhada da chegada do espiritismo no Brasil e possíveis adaptações no país.

para os orixás Ogum e Oxum. E com o passar dos anos se aproximou da Umbanda e deu continuidade a suas atividades religiosas tornando-se uma sacerdotisa de Umbanda.

Apesar de ter nascido em Cachoeira no recôncavo, Eunice Campos Barros, viajou e residiu em algumas cidades do Brasil. Segundo relatos orais de sua filha biológica, Gloria Maria Campos das Neves, sua mãe morou em Salvador, capital baiana, por um determinado tempo. Em seguida viveu em Jacobina também na Bahia, onde teve alguns filhos, que vieram a óbito após o nascimento. Posteriormente ao período residindo em Jacobina, Eunice Campos Barros, veio para Barreiras, com toda sua família. Segundo Gloria Maria Campos das Neves

[...] quando nós viemos de Jacobina pra cá eu tinha só sete anos, mas foi assim uma viagem longa, a gente veio de pau de arara eu lembro muito bem isso, com chuva e aquelas coisa toda e depois viemos aqui pra Barreiras já nos anos 60, 61,62 por ai, eu não me recordo muito bem a data. (NEVES, 2019).<sup>4</sup>

Ao chegar a Barreiras Eunice Campos Barros começou a sua longa trajetória com muitas dificuldades e resistência. Sem conhecer ninguém e sem ter onde morar alojou-se com toda a família embaixo de uma mangueira nas proximidades de onde hoje tem uma agência bancária do Banco do Brasil na Avenida Cleriston Andrade. Residiu de forma precária nesse espaço por pelo menos três meses, segundo relatos de sua filha.

Após esse período de muita restrição conseguiu um trabalho em uma fazenda na produção e beneficiamento do sisal. Todos os membros da família foram envolvidos no trabalho, “todos nós fomos trabalhar pra sobreviver e, também, pra ajudar a trazer o pão pra dentro de casa, mas ficamos ali trabalhava minha mãe trabalhava no sisal nós também puxava corda aquelas coisas assim brutal” (2019), afirma Gloria Maria campos das Neves.

Não há um consenso entre os que conheceram Mãe Nicinha ou adeptos quanto uma data específica de fundação da Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro. Isso, porque Mãe Nicinha desenvolveu suas atividades espirituais desde a sua chegada em Barreiras, ainda que de forma improvisada, como afirma sua filha Gloria Maria Campos das Neves, que debaixo de arvores, como mangueiras; em fazendas na zona rural de Barreiras; em locais de difícil acesso todos esses espaços foram sacralizados e utilizados para a realização de rituais umbandistas.

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida ao autor em Barreiras-Ba, 05/06/2019.

A Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro foi um terreiro com grande importância na cidade de Barreiras. Todo o legado deixado pela tenda teve grande influência de sua fundadora e mentora Mãe Nicinha. Mulher negra e possuidora de saber ancestral, Mãe Nicinha, foi conhecedora dos mistérios da Umbanda. Com imponência enfrentou todos os desafios impostos pela sociedade para manter viva as tradições umbandistas nesse município.

### **Festas na *Aruanda*: memórias das festividades da tenda de umbanda pai São Jorge guerreiro de Mãe Nicinha em Barreiras-Ba**

A Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro possuía intensa atividade religiosa. Além das reuniões semanais para atendimentos de caridade<sup>5</sup>, existia um vasto calendário de festividades, onde eram celebradas as divindades do culto umbandista, outras datas comemorativas, como o Dia das Mães, também eram festejadas. É fundamental destacar que cada terreiro de Umbanda possui seu calendário festivo com suas peculiaridades e a casa de Mãe Nicinha também possuía suas festas e particularidades. A esse respeito seu neto, Claudionor Ivan Sigoli, assegura

[...] o calendário da casa era bem vasto nós temos muito atividade a minha avó é Janeiro entendeu ela fazia comemoração para esse tempo comemoração de São José tinha comemoração São José. Depois tinha São Sebastião em fevereiro né? Em fevereiro tinha Nossa Senhora das Candeias não é? Que a gente colocava velas nas janelas e rezava o Ofício da Imaculada Conceição aquela coisa toda e depois tinha feito São Sebastião que era feita as festas dos caboclos depois chegávamos em abril né? (Claudionor Ivan Sigoli, 2019)<sup>6</sup>.

No dia 20 de janeiro é celebrado na igreja católica o dia do Mártir São Sebastião que é sincretizado em algumas casas de Umbanda com Oxóssi que por sua vez acreditam ser o regente dos caboclos. Com isso, é comum que no dia de São Sebastião sejam festejados os caboclos nos terreiros de Umbanda que comunga com essa crença. Dessa forma, Mãe Nicinha mantinha a tradição e festejava esses ancestrais brasileiros no dia 20 de janeiro.

---

<sup>5</sup> Um dos princípios fundamentais da Umbanda é a caridade. Nesse sentido, é comum que sejam realizados rituais de atendimento espiritual de forma gratuita para os menos favorecidos. Na Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro, semanalmente aconteciam ritos com essa finalidade. Porém é importante ressaltar que cada casa de possui uma forma de se manter, sendo assim existem casas que cobram mensalidades ou doações voluntárias.

<sup>6</sup> Entrevista concedida ao autor em Barreiras-Ba, 16/11/2019.

No dia 02 de fevereiro é comemorado, para os cristãos católicos, o dia de Nossa Senhora das Candeias. Essa festividade é muito forte em Juazeiro do norte e em outras cidades do interior são comuns atos devocionais a essa santa. No culto umbandista ela é sincretizada com a Mãe D'água (Yemanjá). Essa relação surge devido à maternidade de Maria, onde Nossa Senhora, para os católicos, possui o status de mãe da igreja e dos fiéis. Yemanjá também é possuidora desse atributo sendo para o umbandista a mãe de todos os orixás e dos adeptos da religião.

Dessa forma, é comum que em inúmeros terreiros de Umbanda sejam realizadas festas em honra e louvor a Maria Santíssima. Na Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro algo semelhante acontecia. No primeiro sábado de cada mês, dia reservado ao culto mariano na igreja católica, nesse sentido Mãe Nicinha rezava com os filhos de santo do terreiro o ofício da Imaculada Conceição.

No dia 02 de fevereiro dia reservado à devoção a Nossa Senhora das Candeias, Mãe Nicinha com seus filhos de santo rezavam o ofício e acendiam velas nas portas de suas residências em sinal de devoção a Virgem das Candeias. Essa prática pode ser observada até os dias de hoje, onde é comum encontrar nas residências de alguns barreirenses velas acesas nas portas e janelas de suas residências no dia 02 de fevereiro.

No dia 19 de março para a Igreja Católica é celebrada a festa de São José. Nas cidades interioranas é comum que sejam realizadas rezas e ladainhas em homenagem a esse santo, uma vez que segundo a tradição popular ele é padroeiro da agricultura. Benditos são rezados para pedir chuva e boa colheita. São José é cultuado como santo católico mesmo, até onde pesquisamos não foi encontrada nenhuma relação sincrética dele com outras divindades do culto afro-brasileiro.

O mês de abril, para os membros da Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro, era um mês especial. Isso porque, era celebrado no dia 23 o dia do patrono do terreiro. Mãe Nicinha e seus filhos de santo organizavam uma grande festa para festejar dia de São Jorge Guerreiro.

São Jorge a quem é atribuído o adjetivo de “Guerreiro” é sincretizado com Ogum, por suas aptidões ao poder bélico. Nesse sentido, todas as rezas e homenagens são voltadas a essas duas divindades. A festa contava com a presença de todos os filhos espirituais de Mãe Nicinha, e tinha a participação de toda a comunidade. A esse respeito, Claudionor Ivan afirma que

[...] na festa de São Jorge a minha avó ela organizava a cavalaria tudo ela se vestia se apartamentava não é? Tinha todo uma dança folclórica, guerra de espadas tinha de uma volta da cavalaria entorno do quarteirão né? era feita a Romaria com a imagem de São Jorge e a festa ia a noite toda não é? (Claudionor Ivan Sigoli, 2019)

A festa de São Jorge Guerreiro era marcada por alguns momentos e rituais peculiares, como descreveu nosso entrevistado. Para além das atividades internas era realizada uma procissão com a imagem de São Jorge Guerreiro pelas ruas próximas ao terreiro.

**Figura 01** – Procissão da festa de São Jorge Guerreiro<sup>7</sup>



Fonte: Acervo pessoal de Gloria Maria Campos das Neves

Na fotografia, temos Mãe Nicinha paramentada com roupas que lembram as vestimentas de São Jorge. Logo atrás temos quatro homens carregando um andor com a imagem de São Jorge Guerreiro. É importante destacar a ousadia e enfrentamento de Mãe Nicinha que mesmo em tempos em que o preconceito contra pessoas da Umbanda era muito acentuado em Barreiras ela conseguia fazer uma procissão durante o dia pelas ruas da cidade, como na fotografia.

São Jorge é representado como sendo um soldado que pertencia a um agrupamento de cavalaria. Por esse motivo, Mãe Nicinha organizava também uma cavalaria para participar de

<sup>7</sup> Ressalto ainda que as fotografias utilizadas, nesse trabalho, onde estão registrados momentos das festas de São Jorge Guerreiro não possuíam datas por esse motivo não há na escrita menção do período em que essas festividades foram realizadas. Os familiares afirmam que foi no período dos anos 70 e 80, mas não há exatidão nas datas.

algumas festividades de São Jorge Guerreiro. Na fotografia abaixo temos um exemplo desse acontecimento.

**Figura 02** – Registro da Festa de São Jorge Guerreiro



Fonte: Acervo pessoal de Gloria Maria Campos das Neves

Na fotografia temos Mãe Nicinha vestida com as indumentárias que remetem a São Jorge Guerreiro, ostentando uma lança que é marca do poder bélico dessa divindade. Logo abaixo temos um painel onde está representado o dragão que simboliza o mal vencido por São Jorge Guerreiro. As fontes iconográficas, expostas acerca da festa de São Jorge, nos mostra a riqueza de detalhes e o esmerado trabalho, sobretudo, nas vestimentas de Mãe Nicinha para a celebração do patrono do terreiro São Jorge Guerreiro.

O mês de maio possuía duas grandes festividades uma era no segundo domingo, onde eram feitas homenagens a Mães e outra era no dia 13, data histórica em que marca o fim legal da escravidão, dessa forma era celebrado nesse dia na Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro a festa dos pretos velhos. Os pretos velhos, segundo a tradição Umbandista, foram ex-escravos ou descendentes de escravos que possuíam grande sabedoria de ervas e magias. Dessa forma, essa falange espiritual é muito cultuada e respeitada nos terreiros de Umbanda.

O mês de junho, sobretudo no interior da Bahia é um período de muitas festividades, mais conhecidas como festas juninas. Nesse mês para o cristianismo são celebrados Santo Antônio, São João e São Pedro. Esses santos são sincretizados também com orixás sendo

Santo Antônio associado com Exu. São João e São Pedro, ambos, sincretizado com Xangô, orixá do fogo e dos raios.

É importante ressaltar que São João Batista é reconhecido pela diocese do município de Barreiras como padroeiro da cidade. Dessa forma, são comuns festejos em homenagem a esse santo. Mãe Nicinha era devota fervorosa de São João Batista e anualmente no mês de junho fazia uma festividade para celebrar seu dia.

A esse respeito, Neves afirma que “[...] depois vinha à festa de a festa junina, né? que vinha ela fazia rezava, rezava o santo da devoção dela que era São João Batista e fazia a festinha junina todo mundo dançava, comia sua canjica [...]” (2019). A presença de elementos como comidas típicas e a dança são características marcantes das festas juninas. Dessa forma, os membros da Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro mantinham essa tradição e se confraternizavam sob as orientações de sua mentora Mãe Nicinha.

No mês de junho ou julho, dependendo de quando era a festa de Pentecostes que é uma data móvel, Mãe Nicinha coordenava também as esmolas e Festa do Divino Espírito Santo. A festa do divino é uma tradição muito forte presente no município de Barreiras até os dias de hoje. Em alguns bairros existem grupos que fazem o cortejo pelas ruas pedindo alimentos, ato conhecido como pedir esmolas, para o almoço do dia da festa.

Por se tratar de uma festividade popular é muito comum que pessoas de outros segmentos religiosos participem efetivamente da Festa do Divino. De um modo especial os umbandistas do município de Barreiras possuem um grande apreço por essa tradição. É muito comum ver pessoas Umbandista participando desde as esmolas até a grande festa no dia de Pentecostes. Segundo Gloria Maria Campos das Neves, Mãe Nicinha possuía uma grande devoção e que em cumprimento a uma promessa realizava anualmente essa festividade.

[...] a Festa do Divino, Willian, minha mãe tinha uma promessa que ela ela fez essa promessa muitos anos que ela, em Jacobina ela já já pedi esmola do divino quando chegou aqui para Barreiras que não existia Festa do Divino ninguém com bandeira na rua pedindo esmola foi assim uma coisa muito bom para ela porque ela ia de coração aberto e mais o mesmo tempo triste porque o pessoal daqui não sabia, não entendia que aquilo era uma promessa que ela tinha que tinha que ser cumprida [...] (Gloria Maria Campos das Neves, 2019)

O Espírito Santo que é a terceira pessoa da Santíssima trindade para os cristãos tem como elementos representativos a pomba branca e o fogo. Em passagens bíblicas é comum ver essas representações. Dessa forma, na cultura popular as insígnias dessa divindade



seguem esse mesmo padrão. Durante as esmolos os devotos visitam as residências vestidos de vermelho e branco ostentando uma bandeira vermelha, uma pombinha branca e fitas coloridas.

No dia de Pentecostes era realizada a grande festa. Ladainhas e benditos eram entoados em honra e louvor ao Divino Espírito Santo. Para finalizar um cortejo era realizada pelas ruas do bairro levando a imagem do Divino, como podemos observar na fotografia abaixo.

**Figura 03** – Registro da chegada da Procissão do Divino Espírito Santo



Fonte: Acervo pessoal de Gloria Maria Campos das Neves

Na fotografia, temos um andor ornamentado com as cores referente à divindade Espírito Santo com a pombinha. Certamente esse é o momento de finalização da procissão que percorria as ruas do bairro no dia de pentecoste. Apesar de ser uma festa de grande projeção na época, não encontramos muitas fontes iconográficas sobre a celebração do Divino da Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro. Essa fotografia acima foi a única que encontramos em posse dos familiares de Mãe Nicinha.

Na Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro sob os comandos de Mãe Nicinha a festa do Divino acontecia seguindo toda a influência do catolicismo, de um modo especial do

catolicismo popular<sup>8</sup>. As esmolas eram realizadas durante um período e no dia da grande festa era feito um cortejo pelas ruas com um andor onde era ostentada uma pombinha branca. No tocante a essa tradição, Gloria Marias Campos das Neves, assegura

[...] minha mãe tinha uma promessa que ela fez essa promessa muitos anos que ela, em Jacobina ela já pedia esmola do divino. Quando chegou aqui para Barreiras que não existia Festa do Divino ninguém com bandeira na rua pedindo esmola foi assim uma coisa muito bom para ela porque ela ia de coração aberto e mais o mesmo tempo triste porque o pessoal daqui não sabia não entendia que aquilo era uma promessa que ela tinha que tinha que ser cumprida. Então ela fazia essa festa do divino que é uma era uma festa muito bonita que até agora ainda não vi uma festa igual, essa que minha mãe fazia não, porque era minha mãe é porque a festa do divino era aquela festa mesmo popular todo mundo participava todo mundo ia não tinha esse negócio de ter que pagar para ser presidente ter rainha para ser princesa ela fazia tudo simplesmente a coisa mais linda e no dia da do sorteio a única coisa que a única imagem que ela botava para sair na procissão era a pombinha do divino que ela deixava quem era sorteado ia levando a pombinha do divino, tinha o sorteio do mastro e tinha o alferes da Bandeira que era aquela bandeirinha que fica lá em cima do mastro. Era uma festa muito linda. [...] (Gloria Maria Campos das Neves, 2019)

A Festa do Divino realizada por Mãe Nicinha em seu terreiro pelos relatos se apresenta como uma grande celebração. É importante ressaltar que Mãe Nicinha sofreu certa resistência em manter essa tradição, como mencionado acima, isso devido à incompreensão das pessoas acerca dessa manifestação.

A festa seguia um protocolo que se dava início com as esmolas. Os devotos visitavam as casas dos munícipes pedindo alimentos para realizar um almoço festivo, após esse período se dava os preparativos da festa com o levantamento do mastro<sup>9</sup> que marca o início da festa propriamente dita e por fim no dia de Pentecostes (dia do Divino Espírito Santo) era realizada uma reza e uma procissão com a pombinha do divino pelas ruas nas proximidades do terreiro.

Em meados do mês de agosto dava início aos preparativos da Festa de Cosme e Damião. O culto aos gêmeos pode ser observado em várias culturas. Para a tradição cristã, Cosme e Damião eram jovens médicos e foram martirizados por assumirem a fé cristã. Na

<sup>8</sup> O catolicismo está presente no contexto brasileiro de duas formas distintas. A primeira é o “catolicismo oficial” coordenado pelo alto clero e a segunda conhecida como “catolicismo popular” estruturado e coordenado por populares. A esse respeito TAVARES assegura que “A segunda forma de catolicismo, conhecida por catolicismo popular tradicional, chega ao país através dos portugueses pobres e se estabelece principalmente nas zonas rurais. Vai ficar marcado pela sua porosidade, devido a relação entre os colonos pobres, os índios destribalizados, os ex-escravos e todos os tipos de mestiços.” (TAVARES, p.36, 2013)

<sup>9</sup> Uma série de elementos simbólicos e ornamentos estão presentes nas festividades em homenagem aos santos. Segundo, TAVARES, “O principal enfeite é o mastro com a estampa do santo, erguido na fase de preparação da festa para anunciar o local e o santo festejado.” (TAVARES, 2013, p. 43). É importante ressaltar que a “levantada do mastro” é um momento peculiar que tem toda uma ritualística com a presença de danças e rezas.

Umbanda os santos católicos são sincretizados com o orixá Ibeji que também são gêmeos. Esses cultos foram também se tornaram híbridos ou associados ao culto dos Erês que são entidades infantis.

Com isso, o dia 27 de setembro é uma data de fundamental relevância para os adeptos do culto umbandista. Isso porque a devoção aos Santos e Orixás gêmeos é muito difundida. A comida ritualística de apreço do Orixá Ibeji é o Caruru<sup>10</sup> que nesse processo de junção cultural ficou conhecido como Caruru de Cosme e Damião. O caruru é servido tradicionalmente acompanhado de outras iguarias como vatapá, frango cozido, peixe dentre outros.

O dia de Cosme e Damião já era importante por se tratar de um dia de devoção para o povo umbandista, para a Tenda de Umbanda, Pai São Jorge Guerreiro era mais relevante ainda por se tratar do dia de nascimento de sua Zeladora e coordenadora Mãe Nicinha. Acerca desse acontecimento, Gloria Maria Campos das Neves, relata que

[...] festa de setembro que era Cosme e Damião, que também já é a festa de aniversário dela que na verdade a gente queria fazer uma surpresa, mas não tinha nem como, porque tinha Cosme e Damião para fazer a gente fazia o caruru fazia o vatapá era também aberta ao público [...] (Gloria Maria Campos das Neves, 2019).

Segundo relatos do neto de Mae Nicinha, Claudionor Ivan Sigoli, a festa de Cosme e Damião começava a ser organizada meses antes e toda a ritualística e preparo dos alimentos que seriam servidos se davam pelo menos três dias antes. Ressalta ainda que a festa acontecia em dois momentos o almoço que era servido ao meio-dia e a noite era realizado um ritual aberto ao público, onde eram invocadas a entidades infantis. Dessa forma, uma mesa de doces eram prepara e os médiuns em transe espiritual com os Erês faziam a festa com os convidados.

**Figura 04** – Registro de uma Festa de Cosme e Damião

---

<sup>10</sup> Caruru é uma comida a base de quiabo picado temperado com dendê, algumas especiarias e camarão. É oferecido a algumas divindades do panteão ioruba e de um modo especial aos gêmeos Ibeji.



Fonte: Acervo pessoal de Gloria Maria Campos das Neves

Na fotografia, temos alguns filhos de santo e Mãe Nicinha (de camisa branca e saia amarela) em transe com entidades infantis durante uma festa de Cosme e Damião. Sentada no chão, toda de branco, ao lado do homem de chapéu vermelho está Gloria Neves, uma de nossas entrevistadas, que é filha biológica de Mãe Nicinha e atuava no terreiro também como membro.

Outra grande celebração que acontecia na Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro era a alimentação ou lamentação das almas. A devoção para com as almas na Umbanda é muito forte. Durante a semana santa, de modo especial no interior do estado, é comum que seja feitas orações e cânticos pelas almas. Mas a devoção de Mãe Nicinha e dos membros do terreiro para com as almas era no mês novembro, de forma mais específica no dia 02, feriado do dia de finados. E esse respeito, Claudionor Ivan Sigoli, relata que

[...] o dia de finados o que acontecia nós íamos para o sítio que ficava na Baixa Verde ali [inaudível] cal sabe eu acho que é Angical a Baixa Verde ali perto do Riachinho e tinha uma filha de santo que tinha um sítio lá e tinha um cemitério a gente ia lá rezar para as almas, não é? então aí a gente ficava lá eu praticamente eu sabia que tinha como tinha que rezar né? que fazia a tal da lamentação das Almas que era nesse dia [...] (Claudionor Ivan Sigoli, 2019).

Como descrito acima, a ritualística de devoção de súplicas pelos fiéis defuntos era realizada por Mãe Nicinha em um cemitério de um povoado próximo ao município de Angical. Vestidos de branco e lençóis também brancos cobrindo da cabeça aos pés deixando apenas o rosto a mostra, os devotos faziam cantorias suplicando pelas almas de parentes e amigos já falecidos. Era comum que esses rituais fossem realizados em cemitérios, mas também podendo acontecer em locais afastados.

A tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro possuía um extenso e ativo calendários de atividades e festividades. Alguns rituais eram internos de participação restrita, mas o terreiro possuía também inúmeras celebrações abertas a toda comunidade. Ressalto que a grande festa que fechava o calendário do terreiro era a festa das águas. A festa das águas, no dia 08 de dezembro, encerrava o calendário oficial de festividades da Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro, nessa celebração eram homenageadas Oxum e Yemanjá. Os cultos a Yemanjá e Oxum cresceram de forma significativa no Brasil, de um modo especial entre os baianos, para esses afrodescendentes elas são consideradas as grandes Yagbas (mães e senhoras).

Mãe Nicinha, apesar de ter nascido no recôncavo baiano morou alguns anos em São Paulo, onde se aproximou mais ainda com o culto umbandista e suas tradições. Nesse sentido, Mãe Nicinha, trouxe e realizava a festividade do dia 08 de dezembro, onde são realizadas as homenagens a Oxum e Yemanjá. A esse respeito. Gloria Maria Campos das Neves, relata

[...] vinha dezembro que vinha dia 8 de dezembro era a festa, de dois, é a festa de Nossa Senhora da Conceição que essa festa aí, William, ela já minha mãe já fazia ela em São Paulo é mais uma tradição que ela trouxe de lá para cá 8 de dezembro aí como passar do tempo que outras pessoas viram aquele movimento aquela coisa linda que era festa sempre foi aí sugeriram a minha mãe para mudar de data de hoje agora no presente que a gente fala 2 de fevereiro, mas antes era 8 de dezembro dia de Nossa Senhora da Conceição que ela fazia aqui em Barreiras e foi trocada devido influências de pessoas que falou com ela que era muito melhor fazer a festa 2 de fevereiro porque tinha Barreiras é uma terra de Águas Doces que não tinha nada a ver com a Yemanjá aí ela para não fazer o feio com essas pessoas que ela queria bem trocou a data, mas na verdade é 8 de dezembro. [...] (Gloria Maria Campos das Neves, 2019).

Como nos relata nossa entrevistada, a festa que hoje é realizada no dia 02 de fevereiro acontecia tradicionalmente no dia 08 de dezembro e representava para Mãe Nicinha o dia de celebração das grandes mães, momento de exaltar a “Mãe D’água” e todas as falanges<sup>11</sup> das águas, e assim encerrar o calendário de atividades da Tenda de São Jorge Guerreiro.

Em 1993<sup>12</sup> aconteceu a primeira festa no dia 02 de fevereiro, como afirma, Gloria Maria, Weferson Silva (*in memoriam*) e Osmar Mendes Junior, sugeriram à Mãe Nicinha

<sup>11</sup> Segundo Ademir Barbosa Junior “Em termos gerais, uma falange é a subdivisão de uma linha. No cotidiano, porém, o vocábulo “falange” também pode ser empregado como sinônimo de “linha”. Tem como sinônimo ‘legião’.” (p.62) Com isso, podemos compreender falanges como sendo agrupamentos de espíritos mentores.

<sup>12</sup> A festa de Oxum e Yemanjá foi capa e destaque em jornais impressos da época, como no Jornal Novoeste, Ano II – Nº80 do dia 05 de fevereiro de 1993. O periódico mencionado pode ser acessado na íntegra no “Portal da Memória do Oeste da Bahia”. Disponível em: <<https://centrodememoria.ufob.edu.br>> Acesso: 15/12/2020.

fazer aqui semelhante a capital baiana e transferir a festa do dia 08 de dezembro para o dia 02 de fevereiro. No que tange a esse acontecimento, Claudionor, assegura

Então, a festa do dia 8 a minha vó já fazia desde quando eu me dou não é? por minha consciência em São Paulo né? já acontecia antes é muito mais antes de mim essa festa né? e chegando aqui ela continuou não é? a festa mudou o calendário devido a ideia de duas pessoas né? que tinha ideia de querer fazer a festa no dia 8 então vieram procuraram ela não é? aí pegaram toda a liturgia que ela fazia no dia 8 ela acabou fazendo nessa festa no dia 2 de fevereiro que a primeira foi em 2 de fevereiro de 1993 não é? tem até tem um registro e tudo aí, mas eu vou dizer que assim que é um “Control V Control C” dia 8 não é? e depois da festa ficou [...] (Claudionor Ivan Sigoli, 2019).

Dialogando com o relato de Gloria Maria, nosso entrevistado Claudionor, reafirma que de fato a festa em homenagem a Yemanjá e Oxum acontecia no dia 08 de dezembro e só aconteceu no dia 02 de fevereiro pela primeira vez em 1993. Não diferente de outras tradições, compreendendo-as passíveis de mudanças, a festa de Yemanjá passou por algumas alterações durante os anos 1990, sendo uma delas a mudança da data de realização da mesma. O ano de 1993 foi também o ano de falecimento de Mãe Nicinha. Dessa forma com a ausência de sua fundadora a Festa então passou a ser realizada por seus seguidores (filhos de santo e familiares) e com a direção daqueles que sugeriram a mudança de data.

Para a festa do dia 08 de dezembro era organizada ritualística específica, onde na liturgia central da festa estava o cortejo fluvial. Nesse cortejo as representações de Yemanjá e Oxum e a imagem de Jesus Cristo (Pai Oxalá) subiam o rio grande em embarcações. Como podemos ver na fotografia abaixo.

**Figura 05** – Festa de Yemanjá e Oxum no cais de Barreiras, ano de 1981.



Fonte: Acervo pessoal de Gloria Maria Campos das Neves

Na fotografia, datada do ano de 1981, temos uma embarcação trazendo uma mulher adornada de Yemanjá na parte frontal. Pessoas vestidas de branco também estão no barco. O cortejo fluvial com representações das divindades supracitadas também aconteceu na festa do ano de 1993. Como temos na fotografia abaixo.

**Figura 06** – Representação de Yemanjá, ano de 1993



Fonte: Acervo pessoal de Gloria Maria Campos das Neves

Na fotografia, temos uma filha de santo paramentada com as tradicionais roupas de Yemanjá na Umbanda. De vestido azul e coroada com uma estrela do mar, a Rainha das águas

era representada e homenageada por seus devotos. Como mencionado por um de nossos entrevistados, esse formato da festa e seus detalhes já aconteciam anteriormente no dia 08 de dezembro. Como podemos observar na fotografia abaixo.

**Figura 07** – Concentração para a Festa de Yemanjá, ano de 1988.



Fonte: Acervo pessoal de Gloria Maria Campos das Neves

Na fotografia temos no canto direito de roupa branca com gravata azul nossa depoente Gloria Maria Campos das Neves e ao seu lado também de branco nosso outro entrevistado Claudionor Ivan Sigoli, ambos acompanharam de perto, durante muito tempo, a realização das homenagens à Yemanjá no cais do rio grande de Barreiras-BA desde quando a mesma era realizada no dia 08 de dezembro.

Nos estudos das fontes iconográficas fica evidente a permanência de toda a ritualística preconizada pela Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro, como nos relatou nosso entrevistado Claudionor. É possível observar ainda que roupa de Yemanjá e seus adornos, tanto dos anos 80 quanto do ano de 1993, seguiam as orientações de Mãe Nicinha, respeitando assim a tradição umbandista. Com isso, observamos que o terreiro de Mãe Nicinha participou efetivamente do protagonismo da festa de Yemanjá desde anos anteriores a festa de 1993.

Uma característica relevante da festa de Yemanjá, que permanece até o dia de hoje, é a presença no cortejo fluvial de uma imagem de Jesus Cristo que representa Oxalá, orixá da paz e de tudo que é branco, para os umbandistas. Na fotografia temos um exemplo dessa devoção.

**Figura 08** – Imagem de Pai Oxalá na Festa de Yemanjá, ano de 1988





Fonte: Acervo pessoal de Gloria Maria Campos das Neves

Na fotografia temos a imagem de “Pai Oxalá”<sup>13</sup> ostentada em um andor. Atrás temos uma Bandeira com o nome da tenda de Umbanda de Mãe Nicinha. Esse registro foi do ano de 1988 como afirma Gloria Maria. Para nos certificar quanto o ano da fotografia em questão, consultamos Juscilene Luana Das Neves filha de Gloria Maria Campos das Neves, que é a criança sentada na frente ao andor de Pai Oxalá. A mesma reafirmou que o ano era de 1988, uma vez que ela nasceu em 1981 e nessa festa estava com sete anos de idade.

Mãe Nicinha era muito devota de “Pai Oxalá” e com isso fez uma promessa de subir as águas do Rio Grande no dia da festa de Yemanjá caso alcançasse uma graça que ela almejava. A esse respeito, Gloria Maria, assegura que,

A minha mãe, ela tinha sempre aquela, aquele xodó né? Aquele amor por Pai Oxalá. Então ela tinha uma promessa com o divino espírito santo que ela cumpriu e depois ela teve essa promessa de subir as águas com pai Oxalá, foi a promessa que ela fez antes de abrir o terreiro aqui em Barreiras, né? Que se tudo, meu Pai Ogum permitisse que todo mundo viesse a acreditar, que todo mundo viesse a reconhecer ela dentro de Barreiras que ela saia todos os anos com as Yabas e Pai Oxalá abrindo as águas do Rio Grande (GLORINHA apud NOGUEIRA, 2018).

Após receber a graça de estruturar seu terreiro na cidade de Barreiras – BA, Mãe Nicinha cumpriu sua promessa e levou a Imagem de Pai Oxalá para abrir o cortejo fluvial da

<sup>13</sup> Segundo Rita Amaral, Oxalá é o “O grande pai ioruba, considerado a bondade masculina.” Nesse sentido é comum entre os umbandistas que essa divindade seja designada “Pai Oxalá” ou “Baba Oxalá”, onde a palavra “baba” significa pai na língua ioruba.

feira de Yemanjá e assim brilhantar ainda mais a celebração da Rainha das águas. O formato do cortejo estruturado por Mãe Nicinha, com a presença de Pai Oxalá, Yemanjá e Oxum, foi levado para o dia 02 de fevereiro de 1993.

**Figura 09** – Chegada do cortejo fluvial nas margens do rio Grande, ano de 1993.



Fonte: Acervo pessoal de Gloria Maria Campos das Neves

Na fotografia da festa de 1993 observamos na embarcação decorada com balões a Imagem de Pai Oxalá cumprindo mais um ano a promessa de Mãe Nicinha. O cortejo fluvial até os dias atuais representa o ponto alto da festa. Essa tradição é mantida por Gloria Maria desde o falecimento de Mãe Nicinha no ano de 1993.

A análise das fontes iconográficas somada aos relatos orais fica evidente que a Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro foi precursora da Tradicional Festa de Yemanjá e Oxum do dia 02 de fevereiro. Toda a ritualista estruturada e organizada por Mãe Nicinha passou a ser utilizada no dia 02 de fevereiro a partir de 1993.

A Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro foi uma instituição religiosa que atuou efetivamente para a manutenção da tradição umbandista. Mãe Nicinha não ficou encurralada nas paredes do terreiro. Ela teve a ousadia e o enfrentamento de levar a Umbanda para as ruas da cidade de Barreiras-BA mesmo em tempos marcados por forte preconceito e perseguição.

### **Considerações finais**

A Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro foi uma instituição afroreligiosa de grande relevância para sua época. Ganhou apreço de muitos populares e, também, de “poderosos” da época. Dessa forma, suas e atividades religiosas aconteciam de portas abertas

com a participação de inúmeros munícipes. Durante as festividades era comum à realização de cortejos pelas ruas do bairro. Por possuir apreço pelas questões culturais, Mãe Nicinha, participou efetivamente de uma série de atividades culturais como a festa do Divino, bloco afro-caboclo Odoya e a tradicional festa de Yemanjá e Oxum.

Na tradicional Festa de Yemanjá e Oxum, os dados da presente pesquisa refutam dados do artigo intitulado “Festa do Rio Grande: nova investigação histórica aponta outra versão para a origem da festa de "Iemanjá" em Barreiras” do historiador e 1º Tenente João Paulo Pinheiro, onde é dada à Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro o status apenas de figuração. Os relatos orais e fontes iconográficas mostraram que na verdade toda a ritualística feita por Mãe Nicinha e seu terreiro, que já acontecia há muitos anos, foi transferida para o dia 02 de fevereiro. Dessa forma, a Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro na verdade teria papel de cofundador da festa de Yemanjá e Oxum e não apenas figurinista como afirmaram.

O fazer historiográfico durante muito tempo significou fazer a história das elites, mas as lutas dos grupos marginalizados e esquecidos inauguraram uma nova era historiográfica, onde o excluído e invisibilizado também são reconhecidos como agentes históricos.

Com isso, o protagonismo histórico de Eunice Campos Barros é de fundamental relevância, uma vez que mesmo sendo mulher em meio a machismo da época, Mãe Nicinha, liderou de forma exemplar uma tenda de Umbanda de grande projeção no município.

Reconhecemos também a Tenda de Umbanda Pai São Jorge Guerreiro como uma instituição religiosa que contribuiu de forma significativa para a história das religiões de matrizes africanas no município de Barreiras e para a história da cultura local.

### Referências

BARBOSA JÚNIOR, Adermir. **Para Conhecer a Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2013. 138 p.

JENSEN, Tina Gudrun. **Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafricanização para a reafricanização**. Revista de Estudos da Religião N° 1 / 2001 / pp. 1-21 Traduzido por Maria Filomena Mecabô. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2001/p\\_jensen.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_jensen.pdf)> Acesso: 21 de set. de 2017.

NEVES, Gloria Maria Campos das. **Entrevista I.** [jun. 2019]. Entrevistador: Willian Diemes dos Santos Silva. Barreiras-BA, 2019. 1 arquivo .mp3 (24 min. 53 seg).

NEVES, Gloria Maria Campos das. **Entrevista II.** [nov. 2019]. Entrevistador: Willian Diemes dos Santos Silva. Barreiras-BA, 2019. 1 arquivo .mp3 (18 min. 49 seg).

NOGUEIRA, Ari Fernandes Santos. **O Encontro de Oxum, Yemanjá e Oxalá nas Águas do Rio Grande: Reflexos Identitários da Negritude Barreirense.** Revista do Coletivo Seconba, v. 2, n. 1, p. 69-86, nov. 2018.

PRANDI, Reginaldo. **Referências Sociais das Religiões Afro-Brasileiras: Sincretismo, Branqueamento, Africanização.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000100008>> Acessado em: 07/03/2020

SIGOLI, Claudionor Ivan. **Entrevista III.** [nov. 2019]. Entrevistador: Willian Diemes dos Santos Silva. Barreiras-BA, 2019. 1 arquivo .mp3 (40 min. 54 seg).

TAVARES, Thiago Rodrigues. **A religião vivida: expressões populares de religiosidade.** Sacrelegens, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 35-47, jul-dez/2013. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/sacrelegens/files/2014/07/10-2-4.pdf> > Acesso em: 26/05/2021.